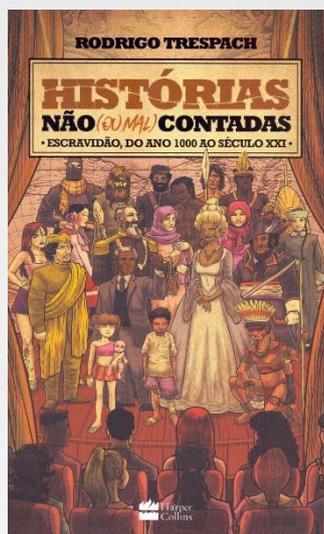


RESENHA

## Histórias não (ou mal) contadas: Escravidão, do ano 1000 ao século XXI

Joana Lúcia Alexandre de Freitas<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria



TRESPACH, Rodrigo. *Histórias não (ou mal) contadas: escravidão, do ano 1000 ao século XXI*. Rio de Janeiro: Haper Collins, 2018.

ALEXANDRE DE FREITAS, Joana Lúcia. *História não (ou mal) contadas: escravidão, do ano 1000 ao século XXI (Resenha)*. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8 (17): 477-480, maio a agosto de 2021. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de Cuiabá (2006), graduação em Química pela Universidade Metropolitana de Santos (2012) e mestrado em Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal do Espírito Santo (2015).

**R**odrigo Trespach é historiador, pesquisador e escritor. Publicou nove livros além de artigos e reportagens em jornais e revistas brasileiras e internacionais. O Livro *Histórias Não (ou Mal) Contadas: Escravidão, do Ano 1000 Ao Século XXI* lançado em 2018, descreve as diversas formas de escravidão, as causas e origens, desde os primórdios da humanidade até os dias atuais.

No capítulo I, *Ouro Branco*, Trespach evidencia que a origem da escravidão se resume à exploração do indivíduo para o trabalho e para sexo. Dentre as causas destacam-se: trabalhar na agricultura, na mineração, no trato com animais, na construção civil e demais atividades econômicas. As principais justificativas são: derrotas em guerras; motivo religioso; xenofobia e por características fenotípicas, ou seja, racismo. Ilustra-se como os muçulmanos conseguiram expandir o Islamismo: guerreando contra povos vizinhos, escravizando os derrotados, e, depois de um tempo, entre se converter ao islã e continuar escravos; os subvertidos escolhiam a primeira opção, compondo o exército e programando guerra a outros povos, repetindo a tradição.

No capítulo II, *A Bíblia, O Alcorão e a Sinagoga*, Trespach ilustra o uso da bíblia e do alcorão para justificar o flagelo de povos subjugados. Relata a saga dos muçulmanos que chegaram à Bahia no início do século XIX. Onde Tentaram propagar o Islã e guerra contra a escravidão, que culminou na *Revolta dos Malês*. Cerca de 400 a 600 malês foram às ruas de Salvador dispostos a derrubar o poder branco e cristão, resultando na morte da maioria deles, e, os que sobreviveram senão deportados (em troca de pagar imposto especial), foram batizados e instruídos no “ministério da religião cristã”, desse modo, os mulçumanos renegaram sua religião temendo retaliações.

O capítulo III, *Quando os Servos são Escravos*, descreve-se que “delitos como roubo simples e incestos eram punidos com escravidão. No Caso de crime sexual, o homem tornava-se escravo do rei, e a mulher, cativa do bispo” (p. 49). Define-se a diferença entre *servos* e *escravos* na Alemanha, que basicamente consistia em: aqueles que não tinham dinheiro para se sustentar ofereciam serviços aos latifundiários em troca de comida, teto e pouca remuneração; pediam autorização para tudo que quisessem fazer na vida pessoal. Já os escravos, eram forçados a trabalhar, não recebiam nenhuma remuneração e tinham a mesma subserviência.

O capítulo IV, *Um Novo (Velho) Mundo*, elucida que na América, antes da chegada de Colombo, os povos ameríndios, incas e astecas, guerreavam contra tribos vizinhas para escravizar os derrotados usando-os na construção civil, agricultura e para sacrifícios religiosos. Neste capítulo, o autor elucida sobre as *bandeiras*: expedições que sequestravam e escravizavam “índios aldeados, que se tornavam pressas fáceis para os mercados de escravos”. Também roubavam igrejas e jesuítas, eram temidos, sendo *Raposo Tavares* o mais famoso deles, que também capturava escravos fujões devolvendo-os aos seus algozes.

O capítulo V, *Mercadores de Escravos*, ilustra a vinda dos negros nos convés de navios, os *tumbeiros*. Os negros eram transportados como animais: comendo uma vez ao dia gororobas pobre em nutrientes, acomodados por meses em um compartimento minúsculo sem ventilação, onde homens, mulheres e crianças ficavam juntos, amarrados e convivendo na imundice de fezes e urina, ouvindo gritos de dor e sofrimento. Nessas péssimas condições, muitos negros morriam e eram lançados ao mar, onde centenas de tubarões, que viviam *escoltando* os *tumbeiros*, estavam prontos para devorar seus corpos desnutridos.

O capítulo VI, *O general, a Estrela Negra e o Eunuco*, discorre sobre a escravidão na Europa, em que escravos “poderiam abrir processos judiciais contra seus senhores e até ganhar a liberdade” e também ser generais (p. 103). Descreve também, a luta do povo de São Domingos da República Dominicana - Haiti que resistiram às tropas de Napoleão, proclamando independência e sua negritude.

É no capítulo VII, *Escravidão Sexual*, que o autor descreve as barbáries relacionadas ao sexo. E também sobre os *Eunucos*: homens virgens que eram enviados para fora dos países onde o Islamismo não predominava para que fossem total ou parcialmente castrados (o Islã proíbe castração e mutilação), caso não morressem, prestariam serviços como cantores na igreja (cantando nos corais, pois sem testículos há menos testosterona e a voz torna-se mais aguda), guardiões de harém, poderiam servir de copeiros às rainhas, e, até mesmo de objeto sexual ao Sultão.

O capítulo VII relata que após 1850, devido à proibição do tráfico negreiro, alguns escravos eram destinados à reprodução. Escolhiam homens para engravidar de moças à mulheres maduras. Posteriormente, os bebês eram comercializados e as lactantes serviam de *amas de leite*. Descreve-se ainda, o *fetichê* que povoa o imaginário de brasileiros, franceses e outros povos sobre o negro e o sexo. Os europeus, principalmente, idealizam as índias e as negras para o sexo. Deles surgiu o bordão: “Brancas para casar, mulatas para foder e negras para trabalhar” (p. 124).

Ainda no Capítulo VII, há dados alarmantes: entre 1939 e 1945, mais de 200 mil mulheres serviram de escravas sexuais aos japoneses, outras 100 mil francesas aos nazistas. Em 1998, centenas de mexicanas foram escravizadas na Flórida. Após os anos 2000 predominou enganar as mulheres para escravizá-las, dizendo-lhes que viajavam a trabalho, mas ao chegar, descobriam que era para a prostituição; infelizmente, isso ocorre até os dias atuais. Elas têm seus passaportes confiscados, familiares ameaçados e são obrigadas a fazer sexo com qualquer tipo de gente por quantas vezes seus algozes julgarem necessário.

Muitos muçulmanos são pedófilos. É comum homem (com barba) praticar sexo com meninos. “Ele está ensinando-o a ser homem”; não é considerado pedofilia, tampouco homossexualismo. Se um homem com barba se deitar com outro homem com barba, e, se passivo no ato sexual, somente assim, ele terá sua *honra* ameaçada. Caso contrário, tudo é visto como *cultural*.

Recentemente, segundo as Organizações das Nações Unidas (ONU), em 2018, 3.500 mulheres *yazidis* ainda eram usadas como escravas sexuais. Costumes esdrúxulos como castração feminina, ainda são usados no século XXI, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) isso ocorre no Egito, no Mali, na Guiné, na Etiópia, no Sudão, Somália, e demais lugares do mundo com 90% das mulheres entre 15 e 49 anos. Para que possam encontrar um esposo e serem fiéis a ele, as que não passam pelo *corte* podem ser rejeitadas pelos maridos além de ter o dote diminuído.

No capítulo VIII, *Infância Roubada*, Trespach relata o infanticídio que ocorreu no XV, principalmente em famílias que não tinham condições financeiras de criá-las. Apareciam abandonadas na floresta, ou mortas por *acidente*. Muitas eram condenadas com penas severas por pequenos delitos, até mesmo com a morte. A escravidão infantil era tanto para trabalho quanto para o sexo, e fins militares como os *Homens Bomba* do Estado Islã, que na verdade, são *Meninos Bomba* (adolescentes de 12 a 16 anos); influenciados a matar e morrer colocando bombas no corpo para acabar com o *inimigo* em nome de *Ala*.

O historiador afirma que “em 2015, aproximadamente 150 milhões de meninas e 73 milhões de meninos foram abusados sexualmente no mundo”. “Um relatório de 2017 encontrou mais de 5.700 casos de violação aos direitos humanos entre as forças militares afegãs, dos quais muitos estavam relacionados a abusos sexuais” (TRESPACH, 2018, p. 145). As meninas são as que mais sofrem, quando não são prostituídas por seus familiares são forçadas a casar ainda crianças com cônjuges muito mais velhos por dinheiro, ou para diminuir as despesas da família.

O capítulo IX, *Genocídio e Segregação*, narra-se sobre a segregação dos negros no USA, a proibição de casamento entre pretos e brancos e o Apartheid na África do Sul. Expõe com muita clareza a importância de Martin Luther King Jr. e de Nelson Mandela, ambos, ícones da luta pela liberdade do povo negro nos USA e África do Sul respectivamente.

O capítulo X, *Escravidão Moderna*, aponta como a escravidão perpetua-se até hoje; pelo menos 45,8 milhões de pessoas são vítimas da escravidão moderna. Lidera o ranking a Coreia do Norte com 1,3 milhões de escravos, seguido de Uzbequistão com 4% de sua população, Camboja com 1,6% da população, Catar com 30 mil trabalhadores, o Congo e Sudão somados juntos totalizam 1,3 milhão de pessoas, a Nigéria com 875 mil escravos, Brasil com 160 mil escravos e outros países da América. Em todos os países, dentre os escravos o número maior é de mulheres.

Diante do exposto, este livro, é excelente para (re)conhecer as formas de subversão de um povo para servir aos interesses financeiros de outro. Auxilia no combate às mais variadas formas de escravidão. Todo educador, independente do Componente Curricular que leciona, deve ensinar seus educandos a *enxergar* os mecanismos de poder e controle que ricos usam sobre pessoas consideradas *inferiores* como mulheres, crianças, pretos e pobres sem estudo.

Trespach, além de expor a História da escravidão no Brasil, sem romancé-la, aponta como a escravidão ocorreu nos demais lugares do mundo. O Brasil além de ser o último país da América a libertar os escravos, foi também o que mais torturou e matou o povo negro, e continua matando até hoje por não distribuir riquezas, não fornecer saúde, educação e segurança a todos com qualidade. A relevância da obra também está atrelada à descrição da luta dos povos haitianos. Se todo professor reconhecesse e trabalhasse na sala de aula a luta desse povo pela liberdade, com certeza, os alunos da Educação Básica, seriam instigando a se apaixonar por sua cultura e povo.

Ao ler e refletir sobre a obra, é notável a batalha que as mulheres de diversas culturas e lugares do mundo têm que travar para conseguir respeito e igualdade de direitos perante os homens. Em muitos países ainda são consideradas objetos sexuais, e, em pleno século XXI, continuam sujeitas aos interesses masculinos, sem poder decidir sobre seu próprio destino. Ficou nítido que o motivo maior existente por detrás da escravidão é dinheiro e poder. A soberba do homem utilizará os mais diversos motivos, até mesmo o uso da religião, para justificar a exploração de seus semelhantes para manter sua hegemonia. De posse dessas informações, o brasileiro que se preocupa em colaborar com um país mais igualitário, humano terá conhecimentos suficientes para fazê-lo.